

## ARTIGO

### ENSINO DE GEOGRAFIA: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO EM NATAL/RN

Jane Claudia Cabral Bragelone<sup>1</sup>

Alessandro Dozena<sup>2</sup>

Eugênia Maria Dantas<sup>3</sup>

#### RESUMO

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, realizada na cidade de Natal/RN. Ele busca analisar junto aos professores de Geografia da rede estadual, suas concepções sobre o ensino dessa disciplina. Os dados empíricos foram obtidos em escolas públicas estaduais que ofertam o Ensino Fundamental (anos finais) em Natal, por meio da realização de questionários com os professores e entrevistas com a equipe gestora dessas instituições. O objetivo desse trabalho é apresentar as concepções desses professores sobre o ensino de Geografia, além de entender qual o contexto das escolas onde eles trabalham. Nesse sentido, o presente artigo evidencia que, embora vivenciem experiências diferentes, a maioria dos professores participantes da pesquisa acredita numa Geografia escolar que forneça condições para formar estudantes críticos, capazes de compreender a complexidade e a dinâmica dos fenômenos do espaço geográfico.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Concepção dos professores. Escolas públicas.

#### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da sua evolução a Geografia enquanto disciplina escolar passou por modificações. Antes a Geografia da escola tinha a função de transmitir informações sobre o mundo, em grande parte de forma estática e desconexa, decorativa, que nem sempre fazia

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora das redes municipal de Natal e estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: janny\_bragelone@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Geografia da UFRN. E-mail: sandozena@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela UFRN. Professora do Departamento de Geografia da UFRN. E-mail: eugeniadantas@yahoo.com.br

sentido aos estudantes. Atualmente a Geografia traz uma proposta mais ampla e complexa, com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos críticos, que possam por meio do raciocínio espacial fazer análises geográficas, relacionar fenômenos e compreendê-los de forma espacial.

Nesse sentido, buscamos investigar qual a concepção dos professores de Geografia da rede estadual de ensino que trabalham em escolas da cidade de Natal/RN a respeito do papel dessa disciplina escolar no contexto em que atuam. Nosso ponto de partida para a busca desses dados são as escolas. Utilizamos como referência os estabelecimentos de ensino da rede pública estadual do Rio Grande do Norte (RN), localizados no município de Natal. Segundo os dados do Censo Escolar (2015), 24,6% das matrículas na rede estadual de ensino do RN estão concentradas em Natal.

A nossa intenção foi aplicar em cada escola um questionário com um professor de Geografia sobre sua prática em sala de aula e sua visão a respeito do ensino de Geografia, e realizar uma entrevista com a equipe gestora sobre as dificuldades e possibilidades que permeiam o dia a dia da escola e, consequentemente, influenciam a prática do professor. Assim, buscamos conhecer o que o professor pensa para o ensino da disciplina e em que contexto ele atua.

Como o universo de escolas da rede estadual em Natal é bastante amplo, selecionamos as escolas que oferecem o Ensino Fundamental 2 (anos finais - 6º ao 9º), pois é a partir dessa etapa de ensino que o professor formado em Geografia atua. Partimos, portanto, de um total de 113 estabelecimentos de ensino regular, para 70 estabelecimentos que ofertam o Ensino Fundamental (anos finais), considerando os dados do Censo Escolar (2015).

A partir do Sistema de Gestão da Educação (SIGEDUC) foi possível identificar os nomes e endereços dessas escolas e, entre elas, escolhemos aleatoriamente 24 para fazer parte do trabalho, de modo que estivessem distribuídas pelas 4 zonas da cidade. Não utilizamos um plano amostral para definir a quantidade de escolas necessárias, porém, observamos que esse valor corresponde a cerca de 35% do total das escolas estaduais que ofertam o Ensino Fundamental (anos finais) na cidade.

Segundo os dados da Secretaria de Educação do Estado fornecidos em maio de 2016, temos 118 professores de Geografia lotados nas escolas de Ensino Fundamental (anos finais) em Natal. Estabelecemos contato com 20% desses professores e utilizamos questionários aplicados pessoalmente durante as visitas em cada uma das 24 escolas que selecionamos. Fora feitas entrevistas com integrantes das equipes gestoras das escolas, que incluem a direção ou coordenação da escola e, ainda, os profissionais do apoio pedagógico, que forneceram-nos um

panorama da situação das escolas, apontando suas dificuldades, mas também seus pontos positivos, além de informações sobre os alunos que compõem seu público.

## 2 OS PROFESSORES E AS ESCOLAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Ao todo foram 24 professores que participaram da pesquisa. Entre os participantes, 15 são mulheres e 9 homens, todos entre 28 e 52 anos de idade, formados em Geografia com conclusão da graduação entre os anos de 1989 e 2012, sendo que 17 (71%) formaram-se na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e 3 (13%) no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), tendo ainda 1 na Universidade Potiguar (UNP), 1 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e 2 que não informaram a instituição.

Alguns professores tinham até 30 anos de experiência, outros apenas 3, mas 62% dos participantes apresentavam mais de 10 anos de experiência em sala de aula, o que nos leva a pensar que são profissionais com uma prática bastante consolidada. Um dado interessante é que 19 deles haviam cursado pós-graduação, sendo na maioria especializações ligadas à área de Educação, o que corresponde a 79% dos professores.

Constatamos algo que já era esperado em relação ao tempo de trabalho dos professores: entre os participantes, 74% (17) trabalhavam em outras escolas, todos em outras escolas públicas, a maioria estaduais, mas também algumas municipais. Esse fato provavelmente está atrelado ao valor do salário, que induz o professor a buscar mais de um vínculo de trabalho, consequentemente mais escolas, mais turmas, e a ter menos tempo, o que pode implicar diretamente em sua prática. Em algumas situações pode até mesmo dificultar a atuação do professor, na medida em que este necessita, para a construção do seu saber docente, da reflexão sobre a sua prática, de momentos de planejamento, o que é uma condição importante. E para que a prática reflexiva seja possível, são necessárias melhores condições de trabalho que assegurem, entre outras coisas, a dedicação do professor à escola em que trabalha. (CAVALCANTI, 2012, p. 95).

Além dos professores, entrevistamos a equipe gestora (direção, coordenação e/ou apoio pedagógico) nas escolas visitadas para identificarmos quais são os problemas mais comuns nas escolas públicas estaduais de Natal. E observarmos como esses problemas afetam direta ou indiretamente a prática do professor.

Não é nenhuma novidade afirmar que as escolas públicas enfrentam diversas dificuldades para o cumprimento de sua função na Educação. Embora tenham ocorrido muitas

melhorias, questões básicas ainda são recorrentes quando tratamos dos principais problemas dos estabelecimentos de ensino.

Sem dúvida alguma, o problema mais evidenciado nas escolas é de ordem físico-estrutural, visto que em 15 delas os gestores relataram que há deficiência na infraestrutura física. Os prédios, que já são antigos, apresentam defeitos elétricos e hidráulicos, necessitando de manutenção e reforma, porém, sem apoio ou incentivo financeiro da Secretaria de Educação do Estado para resolvê-los.

Outra demanda relacionada à infraestrutura, também muito citada, é a falta de espaços nas escolas. Em algumas não há quadras para a prática de esportes, nem espaço para construir; não há laboratórios, porque, entre outras razões, não há salas disponíveis; ou ainda, faltam áreas onde se possa agrupar mais alunos para a realização de eventos, por exemplo. Nas salas de aulas também faltam condições básicas, como ventiladores, que são indispensáveis, considerando o clima da cidade. É importante destacar que esses problemas não atingem todos os espaços pesquisados, mas uma parcela que corresponde a 62% das escolas, sendo, portanto, o problema de maior destaque.

O segundo elemento mais citado nos relatos é a falta de profissionais. Em 10 escolas foi evidenciado que a falta de pessoal gera outras dificuldades. Essa falta vai desde professores, coordenadores e pessoal de apoio pedagógico, aos responsáveis pela limpeza, merenda e segurança. Mais uma vez a Secretaria do Estado é responsabilizada, por não dar o retorno esperado às demandas das escolas.

Essa ausência do poder público estadual gera outra dificuldade relativa à falta de recursos financeiros. Em 7 escolas houve relatos de ter dificuldades para a aquisição de material, equipamentos de multimídia, e para a realização de atividades fora da escola com os alunos, devido à falta de recursos para esse fim.

Outra questão bastante importante e recorrente é a indisciplina e a falta de interesse de muitos alunos, problemas relatados em 5 escolas, que estão de certo modo associados a outro problema: a ausência ou baixa participação da família na vida escolar dos filhos, também citado como uma questão importante em 5 escolas. Resolver a falta de limites e de respeito entre os alunos sem o auxílio dos pais torna-se bastante difícil. O apoio da família é necessário tanto para resolver essas questões como também para incentivar o aprendizado dos filhos, o que não se dá exclusivamente na escola.

Outros problemas também foram citados, embora não com a mesma frequência dos anteriores, como: dificuldade dos professores para planejar; professores que resistem ao uso de mídias; problemas sociais dos alunos; distorção entre idade/série; falta de atividades

esportivas pela inexistência de quadra; falta de atrativos na aula; desvalorização do professor; poucos computadores e internet falha; e falta de compromisso de alguns profissionais.

Mas não existem só problemas no espaço escolar. Os gestores também citaram diversos pontos positivos. Entre eles, o mais evidenciado foi o desenvolvimento de atividades lúdicas, projetos, eventos e exposições, algo considerado como um diferencial pela equipe gestora de 8 escolas.

Os professores também foram bem elogiados pela equipe gestora em boa parte das escolas: 7 gestores relatam a existência de professores bem formados, que tem pós-graduação; outros 5 relatam que os professores são bem envolvidos; 6 gestores também expõem que toda a equipe é dedicada e comprometida; e, ainda, 4 gestores consideram que o bom relacionamento entre os funcionários garante o bom funcionamento do trabalho escolar. Sem dúvida, esses foram os pontos mais evidenciados, pois se repetiram em um número maior de escolas.

Esse é um dado bastante animador. Embora não seja possível afirmar que essa é a realidade da maioria das nossas escolas públicas, sabe-se que em parte delas o professor é reconhecido como o profissional que faz a diferença no ambiente escolar e que esse é o ponto positivo mais evidenciado. Isso nos possibilita boas perspectivas do ensino que iremos encontrar nesses espaços.

Outros pontos considerados positivos também foram citados, porém, com menor frequência. Por exemplo: em 3 escolas houve relatos de que não há violência no espaço escolar; outras 5 expuseram que a participação e frequência dos alunos é muito boa, que todos estão envolvidos com o projeto da escola; em 2 delas os entrevistados fazem a ressalva de que a frequência é boa, embora os alunos sejam acomodados; em 3 escolas destaca-se como ponto positivo a renovação do quadro de professores, ou ainda o fato de estar com o quadro docente completo, o que para muitas escolas é um desafio ter todos os professores; em 2 escolas foi exposto como ponto positivo a quantidade de alunos aprovados em instituições como UFRN e IFRN; outras 3 destacam a localização da escola como um ponto que atrai os alunos; em 2 escolas os gestores se orgulham por ter banda de música e apontam isso como um fator de atração para os alunos; em 2 escolas a equipe destaca as parcerias com universidades e outras instituições como sendo um diferencial, por abrir espaço para palestras e estágios, gerando bons frutos para os alunos.

Podemos dizer que algumas situações são particulares, mas são pontos considerados positivos ou diferenciais para as escolas, que foram citadas nas entrevistas, como: ter alunos campeões de luta olímpica; ter material para laboratório, embora não tenha o espaço para

utilizá-los; ter aceitação da comunidade; ter ampla estrutura física, embora, com algumas deficiências; ter poucas lacunas em relação ao quadro de professores comparado a outras escolas; ter o esporte como um destaque, também pela existência de uma variedade de jogos; a merenda é atrativa; as oficinas do Programa Mais Educação, que incluem várias modalidades de atividades; sala de multimídia para deficientes; índices, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), tem melhorado; ter estrutura e segurança adequada; receber alunos com deficiência; ter o ginásio como um atrativo; ofertar os níveis de ensino Fundamental e Médio, o que garante a permanência do aluno na mesma escola; ter transporte escolar; apresentar uma boa estrutura física (salas climatizadas, laboratório de informática); ter ex-alunos empregados; ser uma escola pequena, o que permite maior aproximação com os alunos e a família; ter a escola pintada e limpa; oferecer organização e disciplina exigida na escola; e ter ainda a capacidade de intervenção na vida dos alunos.

As escolas, portanto, são ambientes complexos, constituídos de ampla diversidade, de situações e de pessoas. Essa diversidade influí diretamente no ensino de Geografia, não sendo possível desconsiderar a riqueza desses espaços.

### 3 COMO OS PROFESSORES CONCEBEM O ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de Geografia defendido atualmente por grande parte dos autores da área é bastante influenciado pela corrente crítica e pela visão humanística. A primeira defende a formação para a reflexão e ação crítica diante das contradições sociais e a segunda valoriza a percepção e o espaço vivido como pontos de partida para o entendimento do espaço geográfico. Ambas, associadas a teorias da aprendizagem como o construtivismo, tem promovido mudanças nas práticas de ensino. A ideia de se trabalhar uma numerosa lista de conteúdos estanques, pautadas na memorização, já está, ao menos em teoria, superada pelas novas discussões de um ensino que possibilita a reflexão e a ação para a cidadania.

Segundo Pontuschka *et. al* (2009), a ruptura com o ensino tradicional aconteceu em meados dos anos 1980 com a influência da Geografia Crítica, que aos poucos foi chegando na escola. Nos anos 1990, com a discussão dos Parâmetros Curriculares Nacionais ocorreram mudanças mais efetivas, pois já foram incorporadas no documento propostas que valorizam a ampliação das capacidades do aluno(a) de “observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos” (BRASIL, 1998, p. 15). Assim, a memorização exclusiva perde espaço no ensino de Geografia.

Para Callai (2013, p. 91), a Geografia Escolar é “uma matéria curricular que procura contribuir na produção de ferramentas intelectuais para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos neste mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais”. Mas, além de entender, é preciso saber agir, e entender os fenômenos sociais é a primeira etapa de uma série de aprendizagens necessárias para viver em sociedade. A Geografia tem uma importante função no contexto escolar, especialmente quanto à capacidade de construir com os alunos o raciocínio geográfico:

O pensar geográfico contribui para contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional, mundial. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais. (CAVALCANTI, 2010, p. 11).

De certo modo, podemos afirmar que há atualmente um consenso, entre os autores que discutem o ensino de Geografia, quando se trata da finalidade dessa disciplina:

A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial. A participação de crianças e jovens na vida adulta seja no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica (CAVALCANTI, 2010, p.24).

Acreditamos que essa concepção proposta pela autora também é partilhada pelos professores que participaram da pesquisa. Através dos questionários, vimos que grande parte dos participantes incorporara no discurso essa proposta de uma Geografia crítica que tenta fazer do aluno um cidadão ativo, consciente, responsável, por meio da leitura do espaço geográfico. Ao questionarmos qual seria a finalidade do ensino de Geografia, obtivemos dos professores as respostas, com essa perspectiva, apresentadas no Quadro 1.

Concepção dos professores	Informações pessoais
“Transformar nossos educandos em cidadãos críticos e protagonistas de suas ações, trabalhando em cima de uma metodologia dialógica e direta, mostrando a importância da ciência geográfica nos dias atuais”	(Professor R.D). 43 anos Formado em 2003 - UFRN 13 anos de docência
“Ajudar o educando a encontrar o seu lugar no mundo. Permite uma ampliação de uma visão política e social”	(Professor A.P). 31 anos UFRN
“Formação de indivíduos críticos e cientes de seus deveres e direitos. Também busca a formação de indivíduos que saibam se localizar espacialmente e socialmente”	(Professor F.S). 37 anos Formado em 2002 - UFRN 7 anos de docência
“Fazer o aluno perceber e observar os problemas e possíveis soluções dos problemas do ambiente no qual está inserido. Levar os alunos a terem uma criticidade da realidade em que vivem”	(Professora F.E). 44 anos Formada em 2000 - UFRN 26 anos de docência
“Desenvolver no aluno uma maior criticidade perante as questões sociais de modo geral, mostrando-lhes que estes são atores importantes no processo de mudança do cenário em que se encontram”	(Professor A.S). 35 anos Formado em 2003 - UFRN 10 anos de docência
“Contribuir para que o educando, além dos conteúdos necessários relativos a Geografia Física apreenda também a relevante importância da Geografia Crítica para o exercício da cidadania e seu uso no dia a dia”	(Professora C.M). Formada em 2003
“Permitir aos alunos a compreensão das dinâmicas de (re)produção do espaço geográfico. Além de estimular a observação da realidade que os cerca e o senso crítico”	(Professora T.B). 30 anos Formada em 2012 - UFRN 5 anos de docência
“Tem fundamental importância na formação cidadã do indivíduo a partir do momento em que possibilita uma reflexão crítica sobre o espaço geográfico e sua dinâmica”	(Professor R.P). 29 anos Formado em 2012 - IFRN
“Interação entre os seres humanos, a natureza e a sociedade, tentando despertar o senso crítico dos alunos”	(Professora I.V). 35 anos Formada em 2004 - UFRN 6 anos de docência
“Permitir ao aluno conhecer, formar conceitos dentro de uma consciência crítica social”	(Professora A.M). 47 anos Formada em 1991 - UFRN 30 anos de docência
“Possibilitar a formação de cidadãos críticos e capazes de compreender as alterações ocorridas no espaço geográfico, fruto das interações homem-natureza”	(Professor A.J). 28 anos Formado em 2012 - UFRN 3 anos de docência
“Instrumentalizar os alunos para a aprendizagem e seu uso para a transformação da sua vida e da sociedade, incentivando o posicionamento crítico”	(Professora M.S). 35 anos Formada em 2004 - UFRN 10 anos de docência

Quadro 1: Respostas dos professores sobre a finalidade do ensino de geografia. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Outros estudos publicados sobre ensino de Geografia também corroboram com essa visão de formar cidadãos críticos como nas respostas dos professores entrevistados. Vesentini (2009) é um dos autores que acreditam que os conhecimentos da Geografia escolar não devem ficar restritos à assimilação de conteúdos, de conceitos e informações, eles precisam implicar no desenvolvimento de competências e hábitos apropriados para a cidadania ativa e para a sociedade democrática. O autor defende que o senso crítico bem dosado é fundamental e, juntamente com outras capacidades, devem ser desenvolvidas na escola no sentido da formação cidadã.

Até mesmo os PCN, que são documentos oficiais norteadores da disciplina, também fazem essa defesa:

Desde as primeiras etapas da escolaridade, o ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade em que as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado (constantemente em transformação) do qual ele faz parte e que, portanto, precisa conhecer e do qual se senta membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente com os valores humanísticos (BRASIL, 1998, p. 29).

Outros professores entrevistados, embora não tenham se referido diretamente em defesa do pensamento crítico ou da formação cidadã, levantaram questões importantes que também fazem parte dos objetivos de ensino de Geografia. Ainda em referência à mesma pergunta, Qual é a finalidade do ensino de Geografia?, foram obtidas também as seguintes respostas apresentadas no Quadro 2.

A maior parte das falas destaca a importância de se compreender o espaço geográfico como sendo a finalidade primeira do ensino de Geografia. Dialogando com as ideias expostas pelos professores, Vesentini (2009) defende que as transformações no mundo atual exigem uma nova geografia que possibilite condições para compreender o mundo em que vivemos, considerando o entendimento dos fenômenos espaciais nas diferentes escalas entre o local e o global, essenciais nessa nova proposta de ensino.

Straforini (2008) também destaca que o mundo precisa ser entendido como totalidade, as escalas não podem ser lineares, os conteúdos fragmentados, mas, pelo contrário, é preciso estabelecer conexões entre o próximo e o distante, especialmente nesses tempos em que a mídia nos traz informações instantâneas provenientes de todo o mundo. Por isso, associamos a isso as ideias postas pelos professores quando falam da necessidade de observar o entorno para compreender as transformações no espaço geográfico.

Concepção dos professores	Informações pessoais
“Compreender a Terra nos seus aspectos físicos, naturais, sociais e econômicos, em que se pode trabalhar de forma integrada”	(Professora A.B). 31 anos Formada em 2007 - UFRN 10 anos de docência
“Compreender os fenômenos socioeconômicos, bem como as características físicas do nosso planeta”	(Professor A.A). 31 anos Formado em 2007- IFRN 9 anos de docência
“Estudar e compreender acerca da ocupação do espaço”	(Professora I.F). 49 anos Formada em 1989 16 anos de docência
“A localização espacial nos aspectos físicos e humanos”	(Professora F.L). 44 anos Formada em 2001-UNP 16 anos de docência
“Serve para que os alunos consigam compreender o mundo ao seu redor”	(Professora I.P). 50 anos Formada em 1990 – UFRN 26 anos de docência
“Incentivar ao aluno o estudo do espaço geográfico, observar o seu entorno e compreender como ocorrem às transformações”	(Professora M.V). 48 anos Formada em 2001 - UFRN 15 anos de docência
“É a ciência que estuda o espaço geográfico e todas as relações que ocorrem no mesmo”	(Professora S.C). 50 anos Formada em 1990 - UFRN 30 anos de docência
“Instruir e ajudar o conhecimento de forma mais ampla e prática”	(Professor C.F). 36 anos Formado em 2006 - IFRN 10 anos de docência
“Que o aluno entenda as transformações do Espaço Geográfico”	(Professor C.L). 52 anos UFPB 30 anos de docência
“Estabelecer uma ponte entre a sociedade e o meio a partir da mediação dos conhecimentos ao espaço geográfico”	(Professora F.K). 40 anos Formada em 1999 - UFRN 15 anos de docência
“Compreender as transformações dos espaços naturais provocadas pelo homem”	(Professora I.F). Formada em 1992 - UFRN
“Esclarecer aos alunos o conceito de mundo e a influência que o ser humano tem na construção do espaço geográfico”	(Professora L.A). 36 anos Formada em 2005 - UFRN 12 anos de docência

Quadro 2: Outras respostas dos professores sobre a finalidade do ensino de geografia. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Embora seja recente essa visão do ensino de Geografia, ela não é de todo nova. Yves Lacoste já havia discutido em 1976 a necessidade de se desenvolver o “raciocínio geográfico” capaz de permitir uma leitura ampla, articulada do espaço, para entender os fenômenos em diferentes escalas, fato essencial à formação dos cidadãos (LACOSTE, 1993).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme ficou evidente ao longo desse trabalho, embora haja uma diversidade na formação dos professores entrevistados, nas suas experiências de trabalho e na realidade das escolas em que atuam, os pensamentos a respeito do ensino de Geografia não foram tão destoantes.

As concepções dos professores a respeito do ensino de Geografia conversam com muitos autores que discutem o ensino da disciplina. A maioria dos professores participantes da pesquisa acredita numa Geografia escolar que deva propiciar condições aos estudantes para compreender o espaço geográfico, seus múltiplos fenômenos e em suas diversas escalas, o que inclui a realidade social em que estão inseridos, adquirindo uma postura ativa e crítica, de maneira que possam projetar suas ações em busca da construção da cidadania.

Mesmo havendo certa variedade nas realidades das escolas pesquisadas, com problemas comuns, especialmente quanto à falta de infraestrutura, mas com situações diversas, tanto em aspectos positivos, quanto negativos, os professores têm pensamentos semelhantes. Uma boa infraestrutura, associadas a boas condições de trabalho, sem dúvida seriam elementos incentivadores para alcançar as finalidades do ensino de Geografia pensadas por esses professores, uma vez que permitiria possibilidades de mediação mais amplas no processo de ensino aprendizagem.

Um dos desafios para os professores de Geografia está em fazer suas concepções quanto à finalidade dessa disciplina se tornarem práticas que facilitem a aprendizagem em cada realidade, possibilitando ao aluno condições para articular os conhecimentos geográficos e compreender o espaço em sua totalidade, permitindo com isso seu próprio desenvolvimento em nível individual, no âmbito da sociedade da qual faz parte.

# ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: CONCEPCIONES DE DOCENTES DE LA RED ESTATAL DE EDUCACIÓN EN NATAL/RN

## RESUMÉN

Este trabajo es parte de una investigación de maestría, realizada em la ciudad de Natal / RN. Busca analizar com los profesores de Geografía de la red estatal, sus concepciones sobre la enseñanza de esta disciplina. Se obtuvieron datos empíricos em las escuelas públicas estatales que ofrecen educación primaria (últimos años) en Natal, a través de cuestionarios com profesores y entrevistas com el equipo directivo de estas instituciones. El objetivo de este trabajo es presentar las concepciones de estos docentes sobre la enseñanza de la Geografía, además de comprender el contexto de las escuelas donde trabajan. En este sentido, este artículo muestra que, si bien tienen diferentes experiencias, la mayoría de los docentes que participan em la investigación creen em la geografía escolar que brinda condiciones para formar estudiantes críticos, capaces de comprender la complejidad y dinámica de los fenómenos del espacio geográfico.

**Palabras clave:** Enseñanza de la geografía. Concepción de los professores. Escuelas publicas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CALLAI, Helena. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2013.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2010.

CAVALCANTI, 2012. Geografia Escolar, formação e práticas docentes: percursos trilhados. In.: CASTELLAR, S. MUNHOZ, G. (Org.:) **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo. Xamã, 2012.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais**. 2ed. São Paulo: Annablume, 2008.

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.

Recebido em 17/05/2021.  
Aceito em 24/11/2021.